


**VOCAÇÃO, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: DIÁLOGO COM A VISÃO
ANTROPOLÓGICA EM KANT**

**VOCATION, TRAINING, AND PROFESSIONAL PRACTICE: A DIALOGUE WITH KANT'S
ANTHROPOLOGICAL PERSPECTIVE**

 <https://doi.org/10.63330/armv2n1-012>

Submetido em: 04/02/2026 e Publicado em: 10/02/2026

Anderson Alves Ribeiro

Doutorando em Educação

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

E-mail: teofilo.andim@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0196-1677>

Jefferson Albernaz Resende

Doutorando em Educação

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

E-mail: jackalbernaz@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4146-0586>

Humberto Aparecido de Oliveira Guido

Professor Doutor e Orientador

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

E-mail: guido@ufu.br

Aparecida Maria Almeida Barros

Professora Doutora

Universidade Federal de Catalão – UFCat

E-mail: cidaab@gmail.com

RESUMO

A proposta propõe um diálogo pedagógico na visão antropológica de Immanuel Kant acerca das impressões sensoriais de espaço e tempo, relacionados a juízos condicionados pela experiência do homem, considerada a natureza humana e o seu domínio da razão ao diagnosticar os fatos sociais de seu tempo. Abordamos tais impressões, assim como as discussões conceituais do autor sobre a natureza humana, associadas à instituição escolar que é objeto de nosso estudo, cujo projeto educativo fora orientado para a formação técnico profissional, historicamente situada na primeira metade da década de setenta do século XX. Nesta perspectiva, o homem é responsável pela sua liberdade, assim como pela preservação de sua moral e juízos, por meio de representatividades no seu tempo e espaço, dialogando com os fenômenos institucionais no ensino aprendido. Nesse ensaio priorizamos a discussão em torno da transcendência, a experiência, a fenomenologia e a natureza humana sob a visão da instituição escolar, evidenciando alguns aspectos interpretados no diálogo com os escritos pedagógicos de Kant. Na acepção conceitual do autor alemão, o



homem teme o mau uso do livre-arbítrio, levando-o a esclarecer a sua capacidade de entendimentos para que o permitam a julgar diante dos juízos analíticos, sintéticos e sintéticos a priori, que nos permitem a pensar nas experiências, necessidades e existências do próprio pensamento. Fundamentado em Kant, o humano e sua natureza, possibilita perceber o homem originalmente um ser aberto à transcendência, na relação com as instituições e com a atuação profissional enquanto vocação.

Palavras-chave: Natureza humana; Vocação profissional; Formação Técnica; Transcendência.

ABSTRACT

The proposal suggests a pedagogical dialogue within Immanuel Kant's anthropological perspective on sensory impressions of space and time, related to judgments conditioned by human experience, considering human nature and the mastery of reason in diagnosing the social facts of their time. We address these impressions, as well as the author's conceptual discussions on human nature, associated with the school institution that is the object of our study, whose educational project was oriented towards technical and professional training, historically situated in the first half of the seventies of the twentieth century. From this perspective, man is responsible for his freedom, as well as for preserving his morals and judgments, through representations in his time and space, engaging in dialogue with institutional phenomena in teaching and learning. In this essay, we prioritize the discussion surrounding transcendence, experience, phenomenology, and human nature from the perspective of the school institution, highlighting some aspects interpreted in dialogue with Kant's pedagogical writings. In the conceptual understanding of the German author, man fears the misuse of free will, leading him to clarify his capacity for understanding so that he can judge based on analytical, synthetic, and synthetic a priori judgments, which allow us to think about the experiences, needs, and existences of thought itself. Based on Kant, the human being and their nature make it possible to perceive man originally as a being open to transcendence, in relation to institutions and to professional activity as a vocation.

Keywords: Human nature; Professional vocation; Technical training; Transcendence.

1 INTRODUÇÃO

A arte da educação ou pedagogia deve, portanto, ser raciocinada, se ela deve desenvolver a natureza humana de tal modo que está possa conseguir o seu destino. (Kant, 1999, p 12).



Na disposição do enunciado nesse artigo, situamos a visão antropológica em Kant para abordar natureza e condição humana e vocação na perspectiva da formação técnica profissional promovida no espaço da instituição escolar.

No desenho conceitual do autor, acionamos as contribuições da investigação sobre a formação técnica profissional promovida nas instituições polivalentes, criadas no Brasil na década de 1970, inserido na política oficial de fomento da formação para a mão de obra moderna, no incremento produtivo da expansão industrial e comercial urbanas preconizado à época.

2 METODOLOGIA

Diálogo antropológico de Kant na conexão com a formação técnica profissional:
a vocação no horizonte da atuação humana

Kant nos inspira a pensar uma educação para a autonomia que busca desenvolver as capacidades dos educandos para que tenham condições de perseguir as metas as quais se propõe livremente. Os conhecimentos aprendidos na escola são importantes por instrumentalizarem os sujeitos a realizar seus projetos aos quais se propõe racional e livremente. Ou seja, o conhecimento, a razão teórica, pode alargar as condições para que o homem seja autônomo. Conforme o pensamento de Kant, o conhecimento pode possibilitar autonomia, ideia com a qual concordo, no entanto, penso que a razão teórica não é tão inocente, tão neutra, quanto ele a pensava, o conhecimento não está imune à ação das ideologias, e isso deve ser levado em conta ao se pretender educar para a autonomia.

Desta maneira, a concepção kantiana de liberdade como autodeterminação influenciou muito a educação e o modelo escolar criado a partir da modernidade. Mas para entendermos melhor a concepção de autonomia de Kant, veremos também a concepção de autonomia defendida pela filosofia de sua época, o iluminismo.

Assim, o homem ao decorrer desta liberdade e suas ideologias ele se organiza perante as suas experiências e se organiza para ultrapassá-la diante dos limites da razão (experiência sensorial), em que as ideias se fundamentam e perpassam na mente humana em certas estruturas que possibilitam o conhecimento. Portanto, a experiência fornece a matéria do conhecimento e a razão organiza essa matéria de acordo com estruturas existentes *a priori*, daí o termo *apriorismo* para a teoria kantiana.

Em uma visão fundamentalista para Kant, o homem é dotado de traços vocacionais diante da sua moral, e no decorrer das suas indagações sobre a liberdade de escolha profissional, Kant, ele unifica as vontades e os desejos para fascinar o homem em suas ideologias ao demonstrar a ele que é um ser essencial para tal função social a ele confiado a partir do elo vocacional profissional.

Toda esta aprendizagem, considerada nos eixos que delineiam a expectativa da investigação, quais



sejam a polissemia da instituição, historicamente determinada e a política nacional de fomento de instituições para a formação técnica profissional.

Magalhães (2004) concebe a instituição educativa, como um complexo organizado e um todo interativo e comunicacional, projetando e permitindo o discernimento da orientação e da coerência, da participação e da responsabilização dos membros (cuja ação se traduz em produtos educacionais), desafia à construção de uma teoria social e antropológica da produção educativa.

Esse autor ressalta que a história da instituição escolar e das suas práticas educativas está integrada ao processo com base organizacional cultural religiosa que instituíram e expandiram a formação do homem social que “é um constructo humano constituído por mudanças, processos e percursos de formação no nível de saberes, capacidades (técnicas), comportamentos e valores, práticas e atitudes” (Magalhaes, 2004).

É na concepção de formação técnica promovida na e pela instituição escolar que a relação se estabelece sobre a expressão de chegar e a ser voltado para a moralidade, Kant explica que a moral do homem caminha com o uso e também o abuso da lei, em que não se pode classificar entre o bem e o mal, mas sim dentro de uma análise em que a liberdade vai reger a sua moral. O ser humano é livre para tomar as suas decisões, mas depois de tomá-las tende a conter com as suas consequências, ao mesmo tempo contradiz os predicados da moral.

Diante de tais concepções, encontramos a inclinação, esta, porém é um instinto natural, mas somente usa uma só regra para não se chocar perante tanta liberdade. Sendo assim, a aceitação do homem e as suas contradições que ele coloca se o homem é bom ou mal por natureza, isso significa somente que ele contém um princípio; porém tende a aceitar o ser como ente racional em que a lei moral leva em julgamento a razão.

Para tanta moralidade podemos classificar as disposições originais da natureza humana que equivale à animalidade, como ente vivo que gera o amor-próprio físico e moralmente mecânico e que está no instinto sexual e para a conservação dos vícios bestiais como: gula, volúpia e o anarquismo selvagem em relação a outros homens.

Convém lembrar-se de outras disposições em que a humanidade coloca o ente vivo e ao mesmo tempo racional, sendo o amor-próprio físico, mas também comparativo, onde ele julga os valores dos vícios de um amor que proveniente do mal, com vícios de uma cultura ciumenta que trata de uma ideia de rivalidade.

Todas as coisas são boas porque umas são melhores do que as outras e a qualidade das coisas piores faz crescer o valor das boas [...] Mas aquelas que chamamos más são falhas da natureza das coisas boas e nunca podem existir absolutamente por si mesmas, fora das coisas boas [...] Mas até mesmo estas falhas testemunham a bondade da natureza dos seres, Com efeito, o que é mau por alguma falha essencial, é verdadeiramente bom por natureza (Loparic, 1974, p.112).

Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento. Kant conclui de uma forma bastante interessante, que uma revolução poderia talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da



opressão da ordem vigente, porém nunca produziria a verdadeira reforma do modo de pensar, necessária para o esclarecimento geral. Apenas novos preconceitos servirão para conduzir a grande massa "destituída de pensamento", constituindo uma forte crítica à filosofia comunista-marxista.

O homem tem a necessidade de cuidados na sua formação. A formação compreende a disciplina e a instrução fazendo com que ele use a sua capacidade conhecida para alimentar a sua profissionalização. Assim sendo, o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos.

O conceito de formação inscrito na proposta das escolas polivalentes dos anos setenta tinha no seu currículo a proposta de serem Escolas de excelência preparando os jovens para o mercado de trabalho e para a vida na sociedade, ou seja, suprir a sociedade com mão de obra de qualidade. Neste modelo de ensino não se contava apenas com disciplinas como Matemática, Português e Ciências em seu currículo, mas também com as técnicas que eram atividades práticas que simulavam o dia-a-dia dos alunos em casa ou no mercado de trabalho com laboratórios equipados com materiais industriais, domésticos e agrícolas. As técnicas que eram ofertadas eram: técnicas agrícolas, técnicas industriais, técnicas comerciais e técnicas para a educação do lar.

O termo Polivalente significa “um trabalho em várias áreas” e as Escolas Polivalentes começaram a surgir segundo Resende (2009), durante a Ditadura Militar em um acordo entre Ministério da Educação e Cultura (MEC) com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e só foi possível após 1964 quando então no Brasil ocorreu o golpe militar. Originaram-se recursos oriundos dos Estados Unidos para que fossem então criadas as Escolas Modelos então chamadas de Escolas Polivalentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 KANT: A EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO HUMANA

Em Kant, apesar de considerar a educação um tema primordial, não foi seu objetivo central do autor, ocupar-se de um possível tratado sobre a pedagogia. Desta maneira, os anseios dos alunos que lançam o olhar sobre as aulas de pedagogia kantiana permitiram uma reflexão sobre o ser o homem, “que não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, pois ele é aquilo que a educação dele faz”. (Kant, 1999, p. 14)

Nesse sentido, o ser humano só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Assim, “a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos”. (Kant 1999, p. 14), é desta maneira que a educação propicia a sua evolução ora para desfechos, ora para o crescimento intelectual e humanístico.

Por ser verdade, em Kant fomenta-se que a natureza humana na sua autonomia da visão



antropológica visa olhar o homem enquanto tal, na sua natureza e no seu domínio da razão, pelas quais se justifica a suas ações perante a sociedade em que o homem é responsável pela sua liberdade, ao lutar pela preservação de sua moral, sobre a perspectiva da educação prática em que propõe ações na busca de justificar-se no contexto educacional ao utilizar a moralidade humana, a prudência e a habilidade que são necessários ao talento do homem em suas artes.

Se a “Educação e instrução não devem ser meramente mecânicas: é preciso que elas repousem em princípios.” (Kant, 1984, p. 84). É importante voltar-se à transcendência e fatos fenomenológicos das naturezas humanas sob a visão da educação em Kant e a perspectiva de fomento na criação dos Colégios Polivalentes configurando em uma perspectiva de mão-de-obra barata advindos da necessidade local.

Em uma análise fecunda e entrelaçada pela história da instituição denota-se a quem são chamados de sujeitos de história e protagonistas desta singularidade educacional seja ele o homem que na sua inferioridade que o torna obrigado a extrair de si mesmo pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que podem contribuir para a sua humanidade.

A inferioridade humana consiste na independência de qualquer lei, sendo que a disciplina submete o homem a leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis. Mas isso deve acontecer bem cedo. É desta maneira, segundo Kant (1999) caracteriza o ensino aprendido em que “as crianças são mandadas cedo à escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, afim de que no futuro elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos...” (p.13). É nesta afirmação que a política de provimento escolar e institucional possa contribuir para a sua formação humana e acadêmica e em um futuro próximo na formação técnica profissional que se encontra no homem um ser impar para sanar as necessidades pela qual a sociedade busca direcionamentos.

Diante destes pressupostos, é na educação que se encontra as vocações e entre as descobertas humanas há duas difíceis, e são: a arte de governar os homens e a arte de educá-los, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. A cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humanidade espécie a seu destino.

É neste direcionamento inicial do caleidoscópio investigativo, em que se coloca o homem “ser” destina aos fatos de liberdade de escolha e ao mesmo tempo está condicionado a uma concepção cuja proposta de formação e organização interna, particularizada para a qualificação de jovens por meio da oferta de cursos e treinamentos para áreas demandadas à época, orientadas para a futura absorção da mão de obra no âmbito local e regional.

Nesta perspectiva a tarefa educativa é denominada de ‘coisa’ de sob qual, a capital é importância



para a sociedade, por isso se institui no maior e mais difícil problema do homem, porque dela depende o aperfeiçoamento humano para o aperfeiçoamento da sociedade.

Mas, assim como, por um lado, a educação ensina alguma coisa aos homens e, por outro lado, não faz mais que desenvolver nele certas qualidades, não se pode saber até aonde nos levariam as nossas disposições naturais. (Kant, 1999, p. 14)

Entretanto, Kant considera que "a educação é o maior e o mais difícil problema que pode ser proposto ao homem" (Kant, 1984), e, seguindo Rousseau, exige que não se aprendam pensamentos, que não se encha a cabeça das crianças com ideias de outros, porque o que é importante é aprender a pensar sua prática. É desta forma que Kant apresenta uma vivência moral que demarca a cultura no homem a partir do pensar e da vivência: "vivemos em uma época (...) de cultura civilização, e de, mas não vivemos ainda de moralização, em uma época...". (Kant, 1984, p. 84).

Segundo Kant (1999):

A educação prática ou moral (chama pratico tudo aquilo que se refere à liberdade) é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre. (...) é a educação que tem em vista a personalidade, educação de um ser livre, o qual pode bastar-se a si mesmo, construir-se membro da sociedade e ter por si mesmo um valor intrínseco. (Kant, 1999, p. 35)

Ao se pensar na escola como uma forma de um acesso à cultura e à civilização, é na educação que se realiza no âmbito das escolas um desses princípios, e de maior importância, a expressa nestes termos:

Fiz um princípio da arte da educação que os homens que fazem particularmente planos de educação deveriam ter olhos: sob não os seus se deve somente crianças educar segundo as espécies do estado humano, presente, mas, segundo o seu estado futuro, possível e melhor, quer conforme dizer, à Ideia de Humanidade e ao destino seu total. (Kant, 2000, p. 38).

Nesse princípio de importância em que os grandes pais só educam os filhos com vista a adaptá-los ao mundo atual, sendo um princípio de pedagogia, os quais não se devem educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor. Significa que a educação almeja o porvir idealizado e preconizado na ação dos formadores, isto é, os homens formam no presente, as gerações futuras.

Desta forma, a personalização, compreendida como moralização, é um processo e, sendo processo, deve considerar-se nunca acabado e feito de uma vez por todas. A personalidade e a moralidade, isto é, as absolutas perfeições, produtos desse processo, constituem um ideal que deve dirigir o homem e apontar a direção que ele deve seguir se quer ser homem, mas permanecem como ideais, nunca completamente realizados e, portanto, cumprem uma função meramente reguladora. (Só em Deus haverá essa coincidência perfeita, absoluta e total entre o que deve ser e o que é).



Por isso, "é possível que a educação se torne cada vez melhor e que cada geração de um passo a mais em direção para o aperfeiçoamento da humanidade porque é no centro da educação que se encontra o grande segredo da perfeição da natureza humana." (Kant, 1984, p. 86).

Neste contexto, o pressuposto básico do iluminismo afirma, portanto, que todos os homens são dotados de uma espécie de luz natural, de uma racionalidade, uma capacidade natural de aprender, capaz de permitir que conheçam o real e ajam livre e adequadamente para a realização de seus fins.

O homem caminha por um caminho justo e reto, pelo seu consentimento de lealdade a sua humanidade. Diante disso Kant, (1984, p. 88) suscita em seus depoimentos que: as "condições de possibilidade de conhecimento, ou seja, o modo pelo qual, na experiência de conhecimento, sujeito e objeto se relacionam e em que condições esta relação pode ser considerada legítima".

O autor apresenta um modelo de investigação que se fundamenta no exame crítico das possibilidades da experiência humana em conhecer a realidade, pois o homem teme o mau uso do livre-arbítrio, levando assim ao esclarecer a sua capacidade de pensamento. Neste sentido, ao pensarmos o homem, a constituição da sua natureza humana, percebemos que o homem é um ser aberto à transcendência, ou seja, é um sujeito religioso.

O esclarecimento está voltado para a base da menoridade, onde o homem é a fronteira que existe entre a incapacidade de cada indivíduo. Assim, o homem se encontra em uma de falta de diálogo, em que se estremece a sua virtude dialogal, que está a se converter para um entendimento.

A maioria das pessoas estão voltadas para os perigos. Diante disso, o homem está se tornando um ser monótono, acostumado com um único ideal, buscando enfim a preguiça, a covardia, levando-o a ser rebaixado em grau de superioridade. O bom para o homem é ficar o mais confortado possível, sem muitas preocupações, ser o dono de seu próprio tempo, além de processar um caminho natural.

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, por que nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e formulários, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou antes, do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpetua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, por que não está habituado a este movimento livre. Por isso, são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura (Kant, 1974, p. 112).

Immanuel Kant mudou radicalmente a perspectiva da análise filosófica da realidade humana promovendo a si mesmo a partir das experiências adquiridas ao longo do espaço e tempo. O seu procedimento conhecido como a Revolução Copernicana por mudar o centro dessa análise, foi refletir primeiro sobre o alcance e os limites da razão e da experiência bem antes de definir a realidade. Assim ele julga necessário avaliar o modo humano e conhece-lo.



Por ser verdade, Kant nos chama a reflexão crítica, que por hora equivalia a um julgamento dos limites das possibilidades da razão humana, pois ao realiza-la, Kant conclui que os dados recebidos da experiência eram “moldados” no ato de conhecê-los. Tal tarefa da educação é orientar um ser que não pode ser conhecido por não ter essência determinada, e que, por isso, pode tomar diferentes direções, o homem é livre e por isso ele pode ser educado. Mas, a liberdade está inclinada para o bem ou para o mal? Kant não fala em uma natureza humana exatamente má, mas o homem não nasce isento de vícios.

No entanto, ao mesmo tempo em que nasce com disposição para seguir impulsos, vícios, o homem nasce com a lei moral dentro de si. Em *Sobre a Pedagogia* afirma: “A única causa do mal consiste em não submeter à natureza a normas. No homem não há germes senão para o bem” (Kant, 1999b, p. 24). Com isso quis dizer que não pode se afirmar no homem uma vontade, uma razão praticamente legisladora que desejasse o mal. Então, considerando seu caráter inteligível, a humanidade é integralmente boa.

Cabe ao homem optar por guiar-se pela sua razão ou não. Mas ele será autônomo na condição de guiar-se pela razão, por isso a educação deve objetivar a racionalidade, isso porque o ser racional pode promulgar para si a lei universal e assim, ser autônomo. Já que o homem não nasce determinado para o bem ou para o mal, Kant propõe uma educação como aprendizagem do exercício das regras no plano teórico e prático. Traduzindo, significa o controle das vontades pela disciplina e observância de regras, tendo em vista a expectativa da liberdade, de um porvir melhor e mais feliz.

Como Kant pensa o homem enquanto participante do mundo sensível e do inteligível nas suas formas de julgamento propõe que a educação deve disciplinar para impedir que a selvageria, a animalidade, prejudique o caráter humano conforme ele cita em a pedagogia. Se a Kant, nada se opõe na infância e na juventude, o indivíduo conservará uma selvageria a vida toda. Por isso a educação deve ter uma parte negativa que Kant chama de disciplina. A disciplina educa para a obediência. No entanto, a obediência possui dois aspectos: o primeiro deve ser obediência absoluta das determinações de um governante, e o segundo é a obediência à vontade que o próprio sujeito reconhece como racional e boa (Kant, 1999 p. 72).

A criança sendo habituada a trabalhar por constrangimento na escola está submissa a uma obediência passiva, o que no início da educação é bom, para que ela discipline sua vontade e nasça a sua vocação. Assim aos poucos a disciplina se interioriza e a criança passa a obedecer a si mesma, quando descobre a liberdade. Torna-se então uma obediência voluntária, não fundada na autoridade do outro, mas na obediência à razão, a si mesmo, descobrindo assim a autonomia. Dessa forma a educação moral kantiana conjuga disciplina e liberdade. Por isso para Kant a disciplina não é oposta à autonomia, ao contrário, a disciplina é necessária.

Logo, a personalização entendida aqui como a experiência obtida pela observação e compreendida como moralização, é um processo e, sendo processo, deve considerar-se nunca acabada e completada de vez por todas. A personalidade humana na sua vocação e moralidade é a absoluta perfeição desde que o



comprometimento se dá no ensino aprendido desse processo, que por sua vez, constitui um ideal que deve dirigir o homem e apontar a direção que ele deve seguir apresentada pelas diversas formas de conhecimentos, mas permanecem como ideais, nunca completamente realizados e, portanto, cumprem uma função meramente reguladora. (Só em Deus haverá essa coincidência perfeita, absoluta e total entre o que deve ser e o que é).

4 CONCLUSÃO

Diálogo antropológico de Kant na conexão com a formação técnica profissional: a vocação no horizonte da atuação humana

Kant nos inspira a pensar uma educação para a autonomia que busca desenvolver as capacidades dos educandos para que tenham condições de perseguir as metas as quais se propõe livremente. Os conhecimentos aprendidos na escola são importantes por instrumentalizarem os sujeitos a realizar seus projetos aos quais se propõe racional e livremente. Ou seja, o conhecimento, a razão teórica, pode alargar as condições para que o homem seja autônomo. Conforme o pensamento de Kant, o conhecimento pode possibilitar autonomia, ideia com a qual concordo, no entanto, penso que a razão teórica não é tão inocente, tão neutra, quanto ele a pensava, o conhecimento não está imune à ação das ideologias, e isso deve ser levado em conta ao se pretender educar para a autonomia.

Desta maneira, a concepção kantiana de liberdade como autodeterminação influenciou muito a educação e o modelo escolar criado a partir da modernidade. Mas para entendermos melhor a concepção de autonomia de Kant, veremos também a concepção de autonomia defendida pela filosofia de sua época, o iluminismo.

Assim, o homem ao decorrer desta liberdade e suas ideologias ele se organiza perante as suas experiências e se organiza para ultrapassá-la diante dos limites da razão (experiência sensorial), em que as ideias se fundamentam e perpassam na mente humana em certas estruturas que possibilitam o conhecimento. Portanto, a experiência fornece a matéria do conhecimento e a razão organiza essa matéria de acordo com estruturas existentes *a priori*, daí o termo *apriorismo* para a teoria kantiana.

Em uma visão fundamentalista para Kant, o homem é dotado de traços vocacionais diante da sua moral, e no decorrer das suas indagações sobre a liberdade de escolha profissional, Kant, ele unifica as vontades e os desejos para fascinar o homem em suas ideologias ao demonstrar a ele que é um ser essencial para tal função social a ele confiado a partir do elo vocacional profissional.

Toda esta aprendizagem, considerada nos eixos que delineiam a expectativa da investigação, quais sejam a polissemia da instituição, historicamente determinada e a política nacional de fomento de instituições para a formação técnica profissional.



Magalhães (2004) concebe a instituição educativa, como um complexo organizado e um todo interativo e comunicacional, projetando e permitindo o discernimento da orientação e da coerência, da participação e da responsabilização dos membros (cuja ação se traduz em produtos educacionais), desafia à construção de uma teoria social e antropológica da produção educativa.

Esse autor ressalta que a história da instituição escolar e das suas práticas educativas está integrada ao processo com base organizacional cultural religiosa que instituíram e expandiram a formação do homem social que “é um constructo humano constituído por mudanças, processos e percursos de formação no nível de saberes, capacidades (técnicas), comportamentos e valores, práticas e atitudes” (Magalhaes, 2004).

É na concepção de formação técnica promovida na e pela instituição escolar que a relação se estabelece sobre a expressão de chegar e a ser voltado para a moralidade, Kant explica que a moral do homem caminha com o uso e também o abuso da lei, em que não se pode classificar entre o bem e o mal, mas sim dentro de uma análise em que a liberdade vai reger a sua moral. O ser humano é livre para tomar as suas decisões, mas depois de tomá-las tende a conter com as suas consequências, ao mesmo tempo contradiz os predicados da moral.

Diante de tais concepções, encontramos a inclinação, esta, porém é um instinto natural, mas somente usa uma só regra para não se chocar perante tanta liberdade. Sendo assim, a aceitação do homem e as suas contradições que ele coloca se o homem é bom ou mal por natureza, isso significa somente que ele contém um princípio; porém tende a aceitar o ser como ente racional em que a lei moral leva em julgamento a razão.

Para tanta moralidade podemos classificar as disposições originais da natureza humana que equivale à animalidade, como ente vivo que gera o amor-próprio físico e moralmente mecânico e que está no instinto sexual e para a conservação dos vícios bestiais como: gula, volúpia e o anarquismo selvagem em relação a outros homens.

Convém lembrar-se de outras disposições em que a humanidade coloca o ente vivo e ao mesmo tempo racional, sendo o amor-próprio físico, mas também comparativo, onde ele julga os valores dos vícios de um amor que proveniente do mal, com vícios de uma cultura ciumenta que trata de uma ideia de rivalidade.

Todas as coisas são boas porque umas são melhores do que as outras e a qualidade das coisas piores faz crescer o valor das boas [...] Mas aquelas que chamamos más são falhas da natureza das coisas boas e nunca podem existir absolutamente por si mesmas, fora das coisas boas [...] Mas até mesmo estas falhas testemunham a bondade da natureza dos seres, Com efeito, o que é mau por alguma falha essencial, é verdadeiramente bom por natureza (Loparic, 1974, p.112).

Por isso, um público só muito lentamente pode chegar ao esclarecimento. Kant conclui de uma forma bastante interessante, que uma revolução poderia talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão da ordem vigente, porém nunca produziria a verdadeira reforma do modo de pensar, necessária para o esclarecimento geral. Apenas novos preconceitos servirão para conduzir a grande massa "destituída



de pensamento", constituindo uma forte crítica à filosofia comunista-marxista.

O homem tem a necessidade de cuidados na sua formação. A formação compreende a disciplina e a instrução fazendo com que ele use a sua capacidade conhecida para alimentar a sua profissionalização. Assim sendo, o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos.

O conceito de formação inscrito na proposta das escolas polivalentes dos anos setenta tinha no seu currículo a proposta de serem Escolas de excelência preparando os jovens para o mercado de trabalho e para a vida na sociedade, ou seja, suprir a sociedade com mão de obra de qualidade. Neste modelo de ensino não se contava apenas com disciplinas como Matemática, Português e Ciências em seu currículo, mas também com as técnicas que eram atividades práticas que simulavam o dia-a-dia dos alunos em casa ou no mercado de trabalho com laboratórios equipados com materiais industriais, domésticos e agrícolas. As técnicas que eram ofertadas eram: técnicas agrícolas, técnicas industriais, técnicas comerciais e técnicas para a educação do lar.

O termo Polivalente significa “um trabalho em várias áreas” e as Escolas Polivalentes começaram a surgir segundo Resende (2009), durante a Ditadura Militar em um acordo entre Ministério da Educação e Cultura (MEC) com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e só foi possível após 1964 quando então no Brasil ocorreu o golpe militar. Originaram-se recursos oriundos dos Estados Unidos para que fossem então criadas as Escolas Modelos então chamadas de Escolas Polivalentes.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARAPIRACA, José Oliveira. **A USAID e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 63.914**, de 26 de dezembro de 1968. Provê sobre o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (PREMEM) e dá outras providências. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=194725>>. Acesso em: 30 Setembro 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Subsídios para o estudo do ginásio polivalente**. Rio de Janeiro, 1969. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002618.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2025.

CAYGILL, Howard. **Dicionário de Kant**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**, São Paulo: Abril cultural, 1984. (Os pensadores).



KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª edição. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

LOPARIC, Zeljko. **A semântica transcendental de Kant**. Campinas: CLE, 2000. v.29. LOPARIC, Zeljko. **Textos Seletos**. Tradução de Raimundo Vier. São Paulo: Vozes, 1974. p.100-117.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: histórias das instituições educativas**. Bragança paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178p. (Estudos CDAPH. Série historiografia).